





Je ne fay rien
sans
Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin

OLAVO BILAC

TARDE

TARDE



OLAVO BILAC

TARDE

LIVRARIA FRANCISCO ALVES

RIO DE JANEIRO — S. PAULO — BELLO HORIZONTE

1919

Á MEMORIA

DE

José do Patrocínio,

meu amigo,

é dedicado este livro.

8. Outubro. 1918.

O. B.

“... La nostra vita è siccome uno arco montando e volgendo... Avemo dunque che la gioventute nel quarantacinquesimo anno se compie: e siccome l'adolescenza è in venticinque anni che procede montando alla gioventute; così il discendere, cioè la senettute, è altrettanto tempo che succede alla gioventute; e così si termina la senettute nel settantesimo anno... Dov'è da sapere che la nostra buona e diritta natura ragionevolmente procede in noi, siccome vedemo procedere la natura delle piante in quelle; e però altri costumi e altri portamenti sono ragionevoli ad una età piu che ad altre; nelli quali l'anima nobilitata ordinariamente procede per una semplice via, usando li suoi atti nelli loro tempi e etadi siccome all'ultimo suo frutto sono ordinati.”

(DANTE. “Il Convito”, tratt. quarto, cap. XXIV.)

HYMNO Á TARDE

Gloria joven do sol no berço de ouro e chammas,
Alva! natal da luz, primavera do dia,
Não te amo! nem a ti, canicula bravia,
Que a ti mesma te estrues no fogo que derramas

Amo-te, hora hesitante em que se preludia
O adagio vesperal, — tumba que te recamas
De luto e de esplendor, de crepes e auriflammas,
Moribunda que ris sobre a propria agonia!

Amo-te, ó tarde triste, ó tarde augusta, que, entre
Os primeiros clarões das estrellas, no ventre,
Sob os veos do mysterio e da sombra orvalhada,

Trazes a palpitar, como um fruto do outono,
A noite, alma nutriz da volupia e do somno,
Perpetuação da vida e iniciação do nada...

CYCLO

Manhã. Sangue em delirio, verde gomo,
Promessa ardente, berço e liminar:
A arvore pulsa, no primeiro assomo
Da vida, inchando a seiva ao sol. . . Sonhar!

Dia. A flor, — o noivado e o beijo, como
Em perfumes um thalamo e um altar:
A arvore abre-se em riso, espera o pomo,
E canta á vóz dos passaros. . . Amar!

Tarde. Messe e esplendor, gloria e tributo;

A arvore maternal levanta o fruto,

A hostia da idéa em perfeição... Pensar!

Noite. Oh! saudade!... A dolorosa rama

Da arvore afflicta pelo chão derrama

As folhas, como lagrimas... Lembrar!

PATRIA

Patria, latejo em ti, no teu lenho, por onde
Circulo! e sou perfume, e sombra, e sol, e orvalho!
E, em seiva, ao teu clamor a minha voz responde,
E subo do teu cerne ao ceu de galho em galho!

Dos teus lichens, dos teus cipós, da tua fronde,
Do ninho que gorgéia em teu doce agazalho,
Do fruto a amadurar que em teu seio se esconde,
De ti, — rebento em luz e em canticos me espalho!

Vivo, choro em teu pranto; e, em teus dias felizes,
No alto, como uma flor, em ti, pompeio e exulto!
E eu, morto, — sendo tu cheia de cicatrizes,

Tu golpeada e insultada, — eu tremerei sepulto:
E os meus ossos no chão, como as tuas raizes,
Se estorcerão de dor, soffrendo o golpe e o insulto!

LINGUA PORTUGUEZA

Ultima flor do Lacio, inculta e bella,
E's, a um tempo, esplendor e sepultura:
Ouro nativo, que na ganga impura
A bruta mina entre os cascalhos vela...

Amo-te assim, desconhecida e obscura,
Tuba de alto clangor, lyra singela,
Que tens o trom e o silvo da procella,
E o arrollo da saudade e da ternura!

Amo o teu viço agreste e o teu aroma
De virgens selvas e de oceano largo!
Amo-te, ó rude e doloroso idioma,

Em que da voz materna ouvi : “meu filho!”,
E em que Camões chorou, no exílio amargo,
O genio sem ventura e o amor sem brilho!

MUSICA BRAZILEIRA

Tens, ás vezes, o fogo soberano
Do amor: encerras na cadencia, accesa
Em requebros e encantos de impureza,
Todo o feitiço do peccado humano.

Mas, sobre essa voluptia, erra a tristeza
Dos desertos, das matas e do oceano:
Barbara poracé, banzo africano,
E soluços de trova portugueza.

E's samba e jongo, chiba e fado, cujos
Acordes são desejos e orfandades
De selvagens, captivos e marujos:

E em nostalgias e paixões consistes,
Lasciva dor, beijo de trez saudades,
Flor amorosa de trez raças tristes.

ANCHIETA

Cavalleiro da mystica aventura,
Heroe christão! nas provações atrozes
Sonhas, casando a tua voz ás vozes
Dos ventos e dos rios na espessura:

Entrando as brenhas, teu amor procura
Os indios, ora filhos, ora algozes,
Aves pela innocencia, e onças ferozes
Pela bruteza, na floresta escura.

Semeador de esperanças e chimeras,
Bandeirante de “entradas” mais suaves,
Nos espinhos a carne dilaceras:

E, por que as almas e os sertões desbraves,
Cantas: Orpheu humanizando as feras,
São Francisco de Assis prégando ás aves...

CHAOS

No fundo do meu ser, ouço e suspeito
Um pelago em suspiros e rajadas:
Milhões de vivas almas sepultadas,
Cidades submergidas no meu peito.

A's vezes, um torpor de aguas paradas...
Mas, de repente, um temporal desfeito:
Festa, agonia, jubilo, despeito,
Clamor de sinos, retintim de espadas,

Procissões e motins, glórias e luto,
Chôro e hosanna... Ferver de sangue novo,
Fermentação de um mundo agreste e bruto...

E ha na esperança, de que me commovo,
E na grita de duvidas, que escuto,
A incerteza e a alvorada do meu povo!

*“Diziam que, entre as nações sobreditas, moravam
gumas monstruosas.*

*Uma é de anãos, de estatura tão pequena, que pa
cem affronta dos homens; chamados Goyazis.*

*Outra é de casta de gente, que nasce com os pés
avessas de maneira que quem houver de seguir seu can
nho ha de andar ao revés do que vão mostrando as pi
das; chamam-se Matuyús.*

*Outra é de homens gigantes, de 16 palmos de al
adornados de pedaços de ouro por beiços e narizes, e a*

quaes todos os outros pagam respeito; têm por nome Curinqueans.

Finalmente que ha outra nação de mulheres, tambem monstruosas no modo do viver (são as que hoje chamamos Amazonas, e de que tomou o nome o rio) porque são guerreiras, que vivem por si só sem commercio de homens; vivem entre grandes montanhas; são mulheres de valor conhecido..."

Padre Simão de Vasconcellos. (Chronica da Companhia de Jesus no Estado do Brasil". 1663. Liv. I, cap. 31.)

I

OS MONSTROS

Não me perdi numa illusão... Perdi-me
Na existencia, entre os homens. E encontrei-os,
Vivos, bem vivos! — estes monstros feios,
Cujo peso affrontoso a terra opprime.

Mas ha monstros no bem, como no crime:
Outros houve, que em hymnos e gorgeios
Talvez viveram e morreram, cheios
De extrema formosura e ardor sublime.

Ah! no dia da colera tremenda,
Os monstros bons, agora fugitivos
D'esta mingua de fé que nos infama,

Resurgirão no epilogo da lenda:
Os mortos voltarão varrendo os vivos,
E os maus se afogarão na propria lama!

II

OS GOYAZIS

Ainda viveis, espiritos obscenos
Como nos dias do Brasil inculto
Na intelligencia anãos, como no vulto
Como no corpo, no moral pequenos

Espremeis a impotencia do odio estulto
Em perfidos esguichos de venenos...
Tendes baixeza em tudo: nem, ao menos,
Força na inveja e elevação no insulto!

Répteis humanos, no colleio dobre
De rastos babujaes templos e lares;
Contra os bons, contra os fortes de alma nobre,

Linguas e dentes dardejaes nos ares:
Mas só podeis ferir, na raiva pobre,
Em vez dos corações, os calcanhares.

III

OS MATUYÚS

De pés virados, marcha avessa e rude,
Dedos atrás, calcaneos para a frente,
Ainda viveis, mentores sem virtude,
Que a verdade escondeis á vossa gente!

Sabeis, — e erraes propositadamente,
Traidores nas lições e na attitude:
Aos corações o vosso exemplo mente,
Como no solo o vosso rasto illude.

Pobre quem calca o vosso piso errado:
Em vez da liberdade, encontra um muro;
Pedindo a salvação, cáe num peccado;

E acha em logar da gloria o lodo impuro:
Para seguir-vos, vae para o passado;
Por imitar-vos, foge do futuro.

IV

OS CURINQUEANS

Ainda viveis! Conheço-vos, felizes
Morubixabas de ambições astutas,
Que em desgraçadas e mesquinhas lutas
Desgovernaes miserrimos paizes!

Já tendes paços em lugar de grutas...
Mas, apesar do tempo e dos vernizes,
— Se os não trazeis por beiços e narizes,
Os botoques guardaes nas almas brutas.

Pobres de idéas, ávidos de foros,
Rudes pastores de servil rebanho,
Espirraes arrogancia pelos poros...

Sois sempre os mesmos Curinqueans de antanho:
Vastos e estereis, ôcos e sonoros,
Unicamente grandes no tamanho!

V

AS AMAZONAS

Nem sempre durareis, eras sombrias
De miseria moral! A aurora esperas,
O' Patria! e ella virá, com outras eras,
Outro sol, outra crença em outros dias!

David renascerá contra Golias,
Alcides contra os pantanos e as feras:
Os corações serão como crateras,
E hão-de em lavas mudar-se as cinzas frias.

As nobres ambições, força e bondade,
Justiça e paz virão sobre estas zonas,
Da confusa fusão da ardente escoria...

E, na sua divina majestade,
Virgens, reviverão as Amazonas
Na cavalgada esplendida da gloria!

O VALLE

Sou como um valle, numa tarde fria,
Quando as almas dos sinos, de uma em uma,
No soluçoso adeus da ave-maria
Expiram longamente pela bruma.

E' pobre a minha messe. E' nevoa e espuma
Toda a gloria e o trabalho em que eu ardia...
Mas a resignação doura e perfuma
A tristeza do termo do meu dia.

Adormecendo, no meu sonho incerto
Tenho a illusão do premio que ambiciono:
Cáe o ceu sobre mim em pyrilampos. . .

E num recolhimento a Deus offertu
O cansado labor e o inquieto somno
Das minhas povoações e dos meus campos.

A MONTANHA

Calma, entre os ventos, em lufadas cheias
De um vago sussurrar de ladainha,
Sacerdotiza em prece, o vulto alteias
Do valle, quando a noite se avizinha:

Rezas sobre os desertos e as areias,
Sobre as florestas e a amplidão marinha;
E, ajoelhadas, rodeiam-te as aldeias,
Mudas servas aos pés de uma rainha.

Ardes, num holocausto de ternura...

E abres, piedosa, a solidão bravia

Para as aguias e as nuvens, a acolhel-as;

E invades, como um sonho, a immensa altura.

– Ultima a receber o adeus do dia,

Primeira a ter a benção das estrellas!

OS RIOS

Maguados, ao crepusculo dormente,
Ora em rebojos galopantes, ora
Em desmaios de pena e de demora,
Rios, choraes amarguradamente.

Desejaes regressar... Mas, leito em fora,
Correis... E misturaes pela corrente
Um desejo e uma angustia, entre a nascente
De onde vindes, e a foz que vos devora.

Soffreis da pressa, e, a um tempo, da lembrança...

Pois no vosso clamor, que a sombra invade,

No vosso pranto, que no mar se lança,

Rios tristes! agita-se a anciedade

De todos os que vivem de esperança,

De todos os que morrem de saudade...

AS ESTRELLAS

Desenrola-se a sombra no regaço
Da morna tarde, no esmaiado anil;
Dorme, no offego do calor febril,
A natureza, molle de cansaço.

Vagarosas estrellas! passo a passo,
O aprisco desertando, ás mil e ás mil,
Vindes do ignoto seio do redil
Num compacto rebanho, e encheis o espaço...

E, enquanto, lentas, sobre a paz terrena,
Vos tresmalhaes tremulamente a flux,
— Uma divina musica serena

Desce rolando pela vossa luz:
Cuida-se ouvir, ovelhas de ouro! a avena
Do invisivel pastor que vos conduz. . .

AS NUVENS

Nuvem, que me consolas e contristas,
Tenho o teu genio e o teu labor ingrato:
Essas architecturas imprevistas
São como as construcções em que me mato.

Nunca vemos, miserrimos artistas,
A victoria d'este impeto insensato:
A um sopro bemfazejo, que conquistas!
A um halito cruel, que desbarato!

Nuvens de terra e ceu, brincos do vento,
Vae-se-nos breve a essencia no ar varrida...
Irmã, que importa? ao menos, num momento,

No fastigio fallaz da nossa lida,
Tu, nas miragens, e eu, no pensamento,
Somos a força e a affirmação da Vida!

AS ARVORES

Na celagem vermelha, que se banha
Da rutilante immolação do dia,
As arvores, ao longe, na montanha,
Retorcem-se espectraes á ventania.

Arvores negras, que visão estranha
Vos aterra? que horror vos arrepia?
Que pesadelo os troncos vos assanha.
Descabellando a vossa ramaria?

Tendes alma tambem... Amaes o seio
Da terra; mas sonhaes, como sonhamos,
Bracejaes, como nós, no mesmo aneio...

Infelizes, no pincaro do monte,
(Ah! não ter azas!...) estendeis os ramos
A' esperança e ao mysterio do horizonte...

AS ONDAS

Entre as tremulas mornas ardentias,
A noite no alto mar anima as ondas.
Sobem das fundas humidas Golcondas,
Perolas vivas, as nereidas frias:

Entrelaçam-se, correm fugidias,
Voltam, cruzando-se; e, em lascivas rondas.
Vestem as formas alvas e redondas
De algas roxas e glaucas pedrarias.

Coxas de vago onyx, ventres polidos
De alabastro, quadris de argentea espuma,
Seios de dubia opala ardem na treva;

E bocas verdes, cheias de gemidos,
Que o phosphoro incendeia e o ambar perfuma,
Soluçam beijos vãos que o vento leva...

CREPUSCULO NA MATA

Na tarde tropical, arfa e pesa a atmospheria.
A vida, na floresta abafada e sonora,
Humida exalação de aromas evapora,
E no sangue, na seiva e no humus accelera.

Tudo, entre sombras, — o ar e o chão, a fauna e a flora,
A erva e o passaro, a pedra e o tronco, os ninhos e a hera,
A agua e o reptil, a folha e o insecto, a flor e a fera,
— Tudo vozeia e estala em estos de plethora.

O amor apresta o gozo e o sacrificio na ara:
Guinchos, berros, zenir, silvar, ullulos de ira,
Ruflos, chilros, frufrés, balidos de ternura...

Subito, a excitação declina, a febre pára:
E mysteriosamente, em gemido que expira,
Um surdo beijo morno alquebra a mata escura...

SONATA AO CREPUSCULO

Trompas do sol, borés do mar, tubas da mata,
Esfalvae-vos, rugindo, — e emmudecei... Apenas,
Agora, trilem no ar, como em cristal e prata,
Rusticos tamborins e pastoris avenas.

Trescala o campo, e incensa o occaso, numa oblata.
— Surgem da Idade de Ouro, em paizagens serenas,
Os deuses; Eros sonha; e, acordando á sonata,
Bailam rindo as subtis alipedes Camenas.

Depois, na sombra, á voz das cornamusas graves,
Termina a pastoral num lento epithalamio...
Cala-se o vento... Expira a surdina das aves...

E a terra, noiva, a ancianar, no desejo que a enleva,
Cora e desmaia, ao seio aconchegando o flammeo,
Entre o pudor da tarde e a tentação da treva.

O CREPUSCULO DA BELLEZA

Vê-se no espelho; e vê, pela janella,
A dolorosa angustia vespertina:
Pallido, morre o sol... Mas, ai! termina
Outra tarde mais triste, dentro d'ella;

Outra queda mais funda lhe revela
O aço feroz, e o horror de outra ruina:
Rouba-lhe a idade, perfida e assassina,
Mais do que a vida, o orgulho de ser bella!

Fios de prata... Rugas... O desgosto
Enche-a de sombras, como a suffocal-a
Numa noite que ahi vem... E no seu rosto

Uma lagrima tremula resvala,
Tremula, a scintillar, — como, ao sol posto,
Uma primeira estrella em ceu de opala..

O CREPUSCULO DOS DEUSES

Fulge em nuvens, no poente, o Olympo. O ceu delira.
Os deuses rugem. Entre incendios de ouro e gemmas,
Ha torrentes de sangue, hecatombes supremas,
Heroes rojando ao chão, trofeus ardendo em pyra,

Iliadas, bulções de gladios e diademas,
Ossa e Pelion tombando, e Zeus em raios de ira,
E Acrópoles em fogo, e Homero erguendo a lyra
Em reverberações de batalhas e poemas...

Mas o vento, embocando as bramidoras trompas,
Clangora. Rolam no ar, de roldão, num tumulto,
Os numes e os titans, varridos á rajada:

E odio, furor, tropel, fastigio, gloria, pompas,
Chammas, o Olympo, — tudo esbate-se, sepulto
Em cinza, em crepe, em fumo, em sonho, em noite, em nada...

MICROCOSMO

Pensando e amando, em turbilhões fecundos
E's tudo: oceanos, rios e florestas;
Vidas brotando em solidões funestas;
Primaveras de invernos moribundos;

A Terra; e terras de ouro em ceus profundos,
Cheias de raças e cidades, estas
Em luto, aquellas em raiar de festas;
Outras almas vibrando em outros mundos;

E outras formas de linguas e de povos;
E as nebulosas, geneses immensas,
Fervendo em sementeira de astros novos;

E todo o cosmos em perpetuas flammis...

— Homem! és o universo, porque pensas,
E, pequenino e fraco, és Deus, porque amas!

DUALISMO

Não és bom, nem és mau: és triste e humano...

Vives anciando, em maldições e preces,

Como se, a arder, no coração tivesses

O tumulto e o clamor de um largo oceano.

Pobre, no bem como no mal, padeces;

E, rolando num vortice vesano,

Oscillas entre a crença e o desengano,

Entre esperanças e desinteresses.

Capaz de horrores e de acções sublimes,
Não ficas das virtudes satisfeito,
Nem te arrependes, infeliz, dos crimes:

E, no perpetuo ideal que te devora,
Residem juntamente no teu peito
Um demonio que ruga e um deus que chora.

DEFESA

Cada alma é um mundo á parte em cada peito...

Nem se conhecem, no auge do transporte,

Os jungidos do vinculo mais forte,

Almas e corpos num casal perfeito:

Dormindo no calor do mesmo leito,

Votando os corações á mesma sorte,

Comsigo levam á velhice e á morte

Um recato de orgulho e de respeito...

Ficam, por toda a vida, as duas vidas
Na mais profunda comunhão estranhas,
No mais completo amor desconhecidas.

E os dois seres, sentindo-se tão perto,
Até num beijo, são duas montanhas
Separadas por leguas de deserto...

A UM TRISTE

Outras almas talvez já foram tuas:
Viveste em outros mundos... De maneira
Que em mysteriosas duvidas fluctuas,
Vida de vidas multiplas herdeira!

Servo da gleba, escravo das charruas
Foste, ou soldado errante na sangueira,
Ou mendigo de rojo pelas ruas,
Ou martyr na tortura e na fogueira...

Por isso, arquejas num pavor sem nome,
Num luto sem razão: velhos gemidos,
Angustias ancestraes de sede e fome,

Dores grandevas, seculares prantos,
Desesperos talvez de heroes vencidos,
Humilhações de victimas e santos...

PESADELO

A's vezes, uma vida abominanda
Vives no somno, em que a horrída matula
Dos íncubos e súcubos te manda
O echo do inferno que referve e ullula.

Um mundo torpe nos teus sonhos anda:
O odio, a perversidade, a inveja, a gula,
Espiritos da terra, sarabanda
Das grosseiras paixões que a treva açula...

Assim, á noite, no invio da floresta,
No mysterio das sombras, entre os pios
Dos noitibós, o candomblé se apresta:

Batuques de capetas, rodopios
De curupiras e sacis em festa,
Em sinistros risinhos e assobios...

A YARA

Vive dentro de mim, como num rio,
Uma linda mulher, esquiva e rara,
Num borbulhar de argenteos flocos, Yara
De cabelleira de ouro e corpo frio.

Entre as nymphéas a namoro e espio:
E ella, do espelho mobil da onda clara,
Com os verdes olhos humidos me encara,
E offerece-me o seio alvo e macio.

Precipito-me, no impeto de esposo,
Na desesperação da gloria summa,
Para a estreitar, louco de orgulho e gozo...

Mas nos meus braços a illusão se esfuma:
E a mãe-da-agua, exhalando um ai piedoso,
Desfaz-se em mortas perolas de espuma.

RESURREIÇÃO

Como ás vezes, piedoso, o sol se inclina
Sobre um pantano, e accende-o, e da agua ascosa
No atro fundo, ergue Alhambras de ouro e rosa,
Cathedraes e Kremlins de prata fina,

— Tambem, da alta região que nos domina,
Tu pairas sobre mim, sombra piedosa:
Sinto em mim, como numa nebulosa,
Mundos novos, ardendo em luz divina...

São torres vivas, cúpulas fulgentes,
Zimborios igneos, toda a architectura
Dos sonhos que a ambição do Ideal encerra,

Subindo em largos surtos, em torrentes,
Galgando o ceu, para brilhar na altura
E desfazer-se em versos sobre a terra...

BENEDICITE!

Bemdito o que, na terra, o fogo fez, e o tecto;
E o que uniu a charrúa ao boi paciente e amigo;
E o que encontrou a enxada; e o que, do chão abjecto,
Fez, aos beijos do sol, o ouro brotar do trigo;

E o que o ferro forjou; e o piedoso architecto
Que ideou, depois do berço e do lar, o jazigo;
E o que os fios urdiu; e o que achou o alphabeto;
E o que deu uma esmola ao primeiro mendigo;

E o que soltou ao mar a quilha, e ao vento o panno;
E o que inventou o canto; e o que creou a lyra;
E o que domou o raio; e o que alçou o aeroplano...

Mas bemdito, entre os mais, o que, no dó profundo,
Descobriu a Esperança, a divina mentira,
Dando ao homem o dom de supportar o mundo!

SPERATE, CREPERI!

Não sei. Duvido e espero. Na anciedade,
Vago, entre vagas sombras. Se não rezo,
Sonho; e invejo dos crentes a humildade
E o orgulho dos philosophos desprézo.

Como um Job miseravel da verdade
E de receios farto como um Creso,
Adormeço a tristeza que me invade
E engano o coração cansado e lesado...

Talvez haja na morte o eterno olvido,
Talvez seja illusão na vida tudo...
Ou geme um deus em cada ser ferido...

Não affirmo, não nego. E' vão o estudo.
Quero clamar de horror, porque duvido;
Mas, porque espero, — espero, e fico mudo.

RESPOSTAS NA SOMBRA

“Soffro... Vejo envasado em desespero e lama
Todo o antigo fulgor, que tive na alma boa;
Abandona-me a gloria; a ambição me atraiçoa;
Que fazer, para ser como os felizes?”

— Ama!

“Amei... Mas tive a cruz, os cravos, a coroa
De espinhos, e o desdem que humilha, e o dó que infama;
Calcinou-me a irrisão na destruidora chamma;
Padeço! Que fazer, para ser bom?”

— Perdoa!

“Perdoei... Mas outra vez, sobre o perdão e a prece,
Tive o opprobrio; e outra vez, sobre a piedade, a injuria;
Desvairo! Que fazer, para o consolo?”

— Esquece!

“Mas lembro... Em sangue e fel, o coração me escorre:
Ranjo os dentes, remordo os punhos, rujo em furia...
Odeio! Que fazer, para a vingança?”

— Morre!

TRILOGIA

I

PROMETHEU

Filhas verdes do mar, e ó nuvens, num incenso,
Beijae-me! e bemdizei o meu sangue e o meu pranto!
Quando succumbo e sou vencido, — exulto e venço:
A minha queda é gloria e o meu rugido é canto!

Sob os grilhões, espero; escravizado, penso;
E, morto, viverei! Domando a carne e o espanto,
Invadindo de estrella a estrella o Olympo immenso,
Roubei-lhe na escalada o fogo sacrosanto!

Forjando o ferro, arando o chão, prendendo o raio,
Dei aos homens o ideal que anima, e o pão que nutre...
Debalde o odio, e o castigo, e as garras me consomem:

Quando soffro, maior, mais alto, quando caio,
Sou, entre a terra e o ceu, entre o Caucaso e o abutre,
—Sobre o martyrio, o orgulho, e, sobre os deuses, o Homem!

II

HERCULES

Que vale o orgulho? A dor é, como a vida, eterna;
Mas a força defende, e a compaixão redime.
Sou, na humana floresta, a planta heroica e terna:
Contra a violencia um roble, e para a prece um vime.

Por onde reviveu, silvando, a hydra de Lerna,
Fuzilou no meu braço a colera sublime;
Os monstros persegui de caverna em caverna,
Suffoquei de antro em antro a peste, a infamia e o crime:

E, ó Homem, libertei-te! . . . E, enfim, depondo a clava,
Inerme semideus, sonhei, doce fiandeiro,
De roca e fuso, aos pés de Omphalia, num arrulho . . .

Alma livre no assomo, e na piedade escrava,
Sou raio e beijo, ardor e allivio, aguia e cordeiro,
— A força que liberta, e o amor que vence o orgulho!

III

JESUS

Mas sempre soffrerás neste valle medonho...
Que importa? Redemptor e martyr voluntario,
Para a tua miseria um reino imaginario
Invento, gloria e paz num futuro risonho.

Para te consolar, no opprobrio do Calvario,
Hostia e victima, a carne, o sangue e a alma deponho:
Nasce da minha morte a vida do teu sonho,
E todo o choro humano embebe o meu sudario.

Só liberta a renuncia. O' triste! a sombra immensa
Dos braços d'esta cruz espalha sobre o mundo
A utopia celeste, orvalho ao teu supplicio.

Sou a misericordia illusoria da crença:
Sobre a força, a fraqueza; e, sobre o amor fecundo,
A piedade sem gloria e o inutil sacrificio!

DANTE NO PARAISO

...Emfim, transpondo o Inferno e o Purgatorio, Dante
Chegara á extrema luz, pela mão de Beatriz:
Triste no summo bem, triste no excelso instante,
O poeta comprehendera o mal de ser feliz.

Saudoso, ao igneo horror do barathro distante,
Ao vortice tartareo o olhar volvendo, quiz
Regressar á gehenna, onde a turba ullulante
Nos torvelins raivando arde na chamma ultriz:

E fatigou-o a paz do esplendor soberano;
Dos reprobos lembrando a irrevogavel sôrte,
A estancia abominou do perpetuo prazer;

Porque no coração, cheio de amor humano,
Sentiu que toda a Vida, até depois da morte,
Só tem uma razão e um gozo só: soffrer!

BEETHOVEN SURDO

Surdo, na universal indiferença, um dia,
Beethoven, levantando um desvairado appello,
Sentiu a terra e o mar num mudo pesadelo...
E o seu mundo interior cantava e restrugia.

Torvo o gesto, perdido o olhar, hirto o cabelo,
Viu, sobre a orquestração que no seu craneo havia,
Os astros em torpor na immensidade fria,
O ar e os ventos sem voz, a natureza em gelo.

Era o nada, a eversão do chaos no cataclysmo,
A syncope do som no paramo profundo,
O silencio, a algidez, o vacuo, o horror no abysmo...

E Beethoven, no seu supremo desconforto,
Velho e pobre, caiu, como um deus moribundo,
Lançando a maldição sobre o universo morto!

MILTON CEGO

Desvendava-se ao cego o mysterio:

(As idades

Sem principio; de sol a sol, de terra a terra,
A eterna combustão que maravilha e aterra,
Geradora de bens e de ferocidades;

Cordilheiras de espanto e esplendor, serra a serra,
De infinito a infinito; azas em tempestades,
Thronos, Dominações, Virtudes, Potestades,
Luz contra luz, furor de chamma e gloria em guerra;

E os rebeldes, rodando em rugidoras vagas;
E o Eden, e a tentação, e, entre o opprobrio e a alegria,
O amor florindo ao pé da amaldiçoada porta;

E o Homem em susto, o ceu em ira, o inferno em pragas;
E, imperturbavel, Deus, na sua gloria!...)

Ardia

O poema universal numa retina morta.

MIGUEL-ANGELO VELHO

“Vieram-lhe o amor e a poesia, no declínio da vida. Na mocidade, foi de costumes austeros. Aos 51 annos, conheceu Vittoria Colonna; escreveu para ella canções, sonetos, madrigaes, exaltação do cerebro, temperada de mysticismo; ella admirou-o, mas não o amou. Quando Vittoria morreu, Buonarotti beijou a mão do cadaver, não ousando beijar-lhe a fronte.”

(M. MONNIER. “La Renaissance”.)

E pensava: — “Perder a chamma peregrina,
Que extrae da pedra um Deus, do barro immundo um Santo;
E este punho, que alçou a cupola divina
De São Pedro, e amassou “Moysés” de luz e espanto;

E esta alma, que architecta os mundos na officina:
O “Dia”, força e graça, e a “Noite”, sombra e encanto,
E o “Juizo Final” da Capella Sixtina,
E “Judith”, flor de sangue, e “Pietá”, flor de pranto;

Tudo: tinta, pincel, escopro, camartelo,
Ouro, fama, poder, gloria, genio, virtude,
— Por um milagre só, no amor que me abandona:

Morrer, e renascer ardente, moço, bello,
E, como o meu “David”, clarão de juventude,
Apparecer, sorrindo, a Vittoria Colonna!”

NO TRONCO DE GOA

Camões soffre, na infamia da clausura,
Pária sem honra, naufrago sem nome;
E rala, na saudade que o consome,
O pobre peito contra a pedra dura.

O seu genio illumina a abjecta lura . . .
Mas a vida das carnes se lhe some:
Mingua de pão, e, outra mais negra fome,
Indigencia de beijos e ventura.

Do proprio fel, dos intimos venenos,
Faz a gloria da patria e a luz da raça;
E chora, na ignominia. Mas, ao menos,

Possue, na mesquinhez da terra crassa
E na vergonha de homens tão pequenos,
O orgulho de ser grande na desgraça.

EDIPO

I

A PITHIA

“Repetiu-me Apollo o vaticinio: que eu seria o assassino de meu pae; e rei; e marido de minha mãe, sem a conhecer; e tronco de uma prole infame!...”

(SOPHOCLES. Edipo-Rei.)

Em Delphos. Com pavor, de pé, no ádito escuro,
Edipo escuta... O deus, rugindo de ira e ameaça,
Pela boca da Pithia em extase, devassa
O tempo, e o arcano veu destrama do futuro:

“Rolarás do fastigio á ignominia e á desgraça!

“Rompendo de um mysterio o impenetravel muro,

“Num solio ensanguentado e num thalamo impuro

“Gerarás, parricida, a mais odiosa raça!”

E a Esphinge, a gloria, o reino, o assassino de Laio,
E o amor sinistro... Assim troveja a voz de Apollo
E enche o sacrario... O ceu carrega-se de bruma;

Fuzila; estruge o chão; reboa no antro o raio...
E, enquanto Edipo tomba inanime no solo,
Sobre a tripode a Pithia, em baba, ullula e escuma.

II

A ESPHINGE

“Bemvindo sejas á cidade de Cadmo, nosso libertador e nosso rei, que, com a tua penetração de espirito e o auxilio divino, levantaste o tributo de sangue que pagavamos á cruel EspHINGE!”

(SOPHOCLES. Edipo-Rei.)

Perto de Thebas, junto a um monte, sobre o Ismeno,
Aguia e mulher, serpente e abutre, deusa e harpia,
Tapando a estrada, á espera, — aterrava e sorria
O monstro seductor, horrivel e sereno:

“Devoro-te, ou decifra!” Era fascinio o aceno;
A voz, morna e sensual, tinha affecto e ironia,
Graça e repulsa; e a luz dos olhos escorria
Fluido filtro, estillando um perfido veneno.

Mas Edipo desvenda o enigma... Ruge em furia
O Grifo, e escarva o chão, bate contra o rochedo,
Rola em lascas, em sangue ardente a areia tinge,

Æ fita o campeador no uivar da extrema injuria...
E o Heroe recua, vendo, entre esperança e medo,
Rancor e compaixão no verde olhar da Esphinge.

III

JOCASTA

"Trevas espessas! eterna, horrivel noite! sou dilacerado
pelo espinho da dôr e pela memoria dos meus crimes!"

(SOPHOCLES. Edipo-Rei.)

Edipo vê cumprir-se o oraculo funesto:

Thebas entregue, em luto, á peste que a devasta,
E, sobre o throno em sanie e o leito deshonesto,
Morta, infamia da terra e asco do ceu, Jocasta.

Louco, vociferando, erguendo a grita e o gesto
Contra os deuses, mordendo a poeira em que se arrasta,
O misero, medindo o parricidio e o incesto,
Quer da vista apagar a lembrança nefasta:

Os dois olhos, ás mãos, das orbitas arranca
Em sangue borbotando, em lagrimas fervendo,
Para o pavor matar na esmagada retina...

Mas, cego embora, — vê Jocasta hedionda, branca,
Enforcada, a oscillar, como um pendulo horrendo,
Compassando, fatal, a maldição divina.

IV

ANTIGONA

“Disse-me tambem o oraculo que morrerei aqui, quando
tremér a terra, quando o trovão rolar, quando o espaço
brilhar...”

(SOPHOCLES. Edipo em Colona.)

A terra treme. Rola o trovão. Brilha o espaço.
Chega Edipo a Colona, em andrajos, immundo,
Sombra anciosa a fugir do proprio horror profundo,
Ruina humana a cair de miseria e cansaço.

Mas, quando o ancião vacilla, orphão da luz do mundo,
— Antigona lhe estende o coração e o braço,
E, filha e irmã, recolhe ao maternal regaço
O rei sem throno, o pae sem honra, moribundo.

E' o ninho (a terra treme...) amparando o carvalho,
A flor sustendo o tronco! Edipo (o espaço brilha...)
Sorri, como um combusto areal bebendo o orvalho.

E' ó fim (rola o trovão...) da miseranda sorte:
O cego vê, fitando o ceu do olhar da filha,
Na cegueira o esplendor, e a redempção na morte.

MAGDALENA

“Maria Magdalena, Maria de Thiago, e Salomé compraram aromas, para irem embalsamar a Jesus. Mas, olhando, viram revolvida a pedra... E Jesus, tendo resurgido, appareceu primeiramente a Maria Magdalena.”

(São Marcos. Cap. XVI.)

Quedaram, frio o sangue, as mulheres chorosas,
Sem cor, sem voz, de espanto e medo. E, de repente,
Caíram-lhes das mãos as amphoras piedosas
De balsamo odoroso e de oleo rescendente.

Enfeitiçou-se o chão de um perfume dormente,
E o arredor trescalou de essencias capitosas,
Como se a terra toda abrisse o seio, e o ambiente
Se enchesse de jasmins, de nardos e de rosas.

E Magdalena, muda, ao pé da sepultura,
Tonta da exalação dos cheiros, em delirio,
Viu que uma forma, no ar, divinamente bella,

Vivo effluvio, vapor fragrante, alva figura,
Aroma corporal, pairava...

Como um lirio,

Num sorriso, Jesus fulgia diante d'ella.

CLEOPATRA

“Cleopatra diffidava... Fu persuasa che il vincitore la destinava al trionfo... Ottaviano, corse in gran fretta a salvare la sua preda, la trovó, sul letto, adorna della sua piú bella veste di regina, addormentata per sempre...”

(G. Ferrero. *Grandezza e decadenza di Roma*.)

Não! que importava a quéda, e o epilogo do drama:
O throno, o sceptro, o povo, o exercito, o thesouro,
As provincias, a gloria, e as naus, no sorvedouro
De Actium, e Alexandria entregue ao saque e á chamma?

Não! que importava o horror da entrada em Roma: a fama
De Octavio, e o seu triumpho, entre a purpura e o louro,
E a plebe em grita, e o ceu cheio das aguias de ouro,
E o Egypto, e o seu imperio, e os seus tropheus, na lama?

Não! Que importava o amor perdido? Que importava
O naufragio do orgulho, a vergonha, a tortura
Do odio do vencedor ou da piedade alheia?

Mas entrar desgrenhada, envelhecida, escrava,
Rota, sem o arraiar da sua formosura,
Sol sem fulgor...

Matou-a o medo de ser feia.

A VELHICE DE ASPASIA

Velha, Aspasia, como um clarão, na Academia
E na ágora, surgia e offuscava as mais bellas;
E, sob as cans, e sob as roupagens singelas,
Aureolada do amor de Pericles, sorria...

Do Hellesponto, do Egeu, do Jonio em romaria
Vinham vel-a e admiral-a ephebos e donzellas.
E elles: “Que sol nos teus cabellos brancos!” E ellas:
“Brilha mais do que a aurora o final do teu dia!”

Ella e a Acrópole, frente a frente, alvas, serenas,
Unidas no esplendor, gêmeas na majestade,
Eram a fôrma e a idéa, illuminando Athenas.

Aspasia, deusa clara e simples, na moldura
Do ceu, nume feliz, perfumava a cidade . . .
Era uma religião á sua formosura!

A RAINHA DE SABA'

"REIS. L. III. C. X. 13. — O rei Salomão deu á rainha de Sabá o que ella lhe desejou, e lhe pediu, afóra os presentes que elle mesmo lhe deu com liberalidade real. A rainha voltou, e se foi para o seu reino com os seus servos."

— "Que mais queres? Sião? e, entre os bosques sombrios,
O meu collar de cem cidades deslumbrantes?
O Libano, pompeando em paços, em mirantes,
Em cedros, em pavões, em corças, em bugios?"

O povo de Israel, em tribus formigantes
Do Euphrates ao Mar Morto e o Egypto? Os meus navios,
As esquadras de Hirão, coalhando o oceano e os rios,
Atestadas de prata e dentes de elephantés?"

O meu leito, ainda olente e morno do teu somno?
O sceptro? O gyneceu, e a guarda, e as mil mulheres
Como escravas, rojando aos teus pés? O meu throno?

Os vasos do holocausto? O templo de ouro e jade?
A ara, em sangue e fulgor, ante Jehovah?... Que queres?"
.
—“O teu ultimo beijo... o deserto... e a saudade...”

A MORTE DE ORPHEU

“Em vão as bacchantes da Thracia procuraram consolar-o. Mas Orpheu, fiel ao amor de Eurydice, encarcerada no Averno, repelliu o amor de todas as outras mulheres. E estas, despeitadas, esquarteraram-no.”

Houve gemidos no Ebro e no arvoredado,
Horror nas feras, pranto no rochedo;
E fugiram as Ménadas, de medo,
Espantadas da propria maldição.

Luz da Grecia, pontifice de Apollo,
Orpheu, despedaçada a lyra ao collo,
A carne rota ensanguentando o solo,
Tombou... E abriu-se em musicas o chão...

A boca anciosa um nome disse, um grito,
Rolando em beijos pelo nome dito:
“Eurydice!”, e expirou... Assim Orpheu,

No ultimo canto, no supremo brado,
Pelo odio das mulheres trucidado,
Chorando o amor de uma mulher, morreu...

GIOCONDA

Deu-te o grande Leonardo ao sorriso a ironia,
Insidia e eterno ardil, na luminosa teia:
Tal, a Bellerophonte a Chimera sorria,
E a Esphinge de Gizeh sorri na adusta areia...

A cilada do amor, o embuste da utopia,
O desejo, que abraza, e a esperança, que enleia,
Chispam na tua boca impenetravel, fria...
Seduzes, atravez dos seculos, sereia!

Esse leve clarão no teu labio, indeciso,
E' a dobrez ancestral, a malicia primeva
Da Isis, da peccadora altriz do Paraiso:

Porque, para extrahir as gerações da treva,
A' serpe, e a Adão, e a Deus, com o teu mesmo sorriso,
Sorria, astuta e forte, a mãe das raças, Eva.

NATAL

No ermo agreste, da noite e do presepe, um hymno

De esperança presaga enchia o ceu, com o vento...

As arvores: "Serás o sol e o orvalho!" E o armento:

"Terás a gloria!" E o luar: "Vencerás o destino!"

E o pão: "Darás o pão da terra e o pão divino!"

E a agua: "Trarás allivio ao martyr e ao sedento!"

E a palha: "Dobrarás a cerviz do opulento!"

E o tecto: "Elevarás do opprobrio o pequenino!"

E os reis: “Rei, no teu reino, entrarás entre palmas!”

E os pastores: “Pastor, chamarás os eleitos!”

E a estrella: “Brilharás, como Deus, sobre as almas!”

Í
Muda e humilde, porém, Maria, como escrava,

Tinha os olhos na terra em lagrimas desfeitos:

Sendo pobre, temia; e, sendo mãe, chorava.

AOS MEUS AMIGOS DE SÃO PAULO

Se amo, padeço, e sonho, a recompensa
E' a melhor que me daes, neste agazalho:
D'esta ternura, sobre mim suspensa,
Desce todo o valor do quanto valho.

Não tenho aroma que vos não pertença:
Vêm de vós a doçura e o bem que espalho;
Valemos todos pela nossa crença,
Na communhão do amor e do trabalho.

Operario modesto, abelha pobre,
De vós e para vós o mel fabrico,
E abenço a colmeia que nos cobre.

Só do labor geral me glorifico:
Por ser da minha terra é que sou nobre,
Por ser da minha gente é que sou rico.

A UM POETA

Longe do esteril turbilhão da rua,
Benedictino, escreve! No aconchego
Do claustro, na paciência e no socêgo,
Trabalha, e teima, e lima, e sofre, e súa!

Mas que na fôrma se disfarce o emprego
Do esforço; e a trama viva se construa
De tal modo, que a imagem fique nua,
Rica mas sobria, como um templo grego.

Não se mostre na fabrica o supplicio
Do mestre. E, natural, o effeito agrade,
Sem lembrar os andaimes do edificio:

Porque a Belleza, gêmea da Verdade,
Arte pura, inimiga do artificio,
E' a força e a graça na simplicidade.

VILLA-RICA

O ouro fulvo do occaso as velhas casas cobre;
Sangram, em laivos de ouro, as minas, que a ambição
Na torturada entranha abriu da terra nobre:
E cada cicatriz brilha como um brazão.

O angelus plange ao longe em doloroso dobre.
O ultimo ouro do sôl morre na cerração.
E, austero, amortalhando a urbe gloriosa e pobre,
O crepusculo cae como uma extrema-uncção.

Agora, para além do cerro, o céu parece
Feito de um ouro ancião que o tempo ennegreceu...
A neblina, roçando o chão, ciciza, em prece,

Como uma procissão espectral que se move...
Dobra o sino... Soluça um verso de Dirceu...
Sobre a triste Ouro-Preto o ouro dos astros chove.

NEW-YORK

Resplandeces e ris, ardes e tumultuas;
Na escalada do ceu, galgando em furia o espaço,
Sobem do teu tear de praças e de ruas
Atlas de ferro, Anteus de pedra e Brontes de aço.

Gloriosa! Prometheu revive em teu regaço,
Delira no teu genio, enche as arterias tuas,
E combure-te a entranha arfante de cansaço,
Na incessante criação de assombros em que estuas.

Mas, com as tuas Babeis, de balde o ceu recortas,
E pesas sobre o mar, quando o teu vulto assoma,
Como a recordação da Thebas de cem portas:

Falta-te o Tempo, — o vago, o religioso aroma
Que se respira no ar de Lutecia e de Roma,
Sempre moço perfume ancião de idades mortas...

FOGO FATUO

Cabellos brancos! dae-me, emfim, a calma
A esta tortura de homem e de artista:
Desdem pelo que encerra a minha palma,
E ambição pelo mais que não exista;

Esta febre, que o espirito me encalma
E logo me enregela; esta conquista
De idéas, ao nascer, morrendo na alma,
De mundos, ao raiar, murchando á vista:

Esta melancolia sem remedio,
Saudade sem razão, louca esperança
Ardendo em choros e findando em tédio;

Esta anciedade absurda, esta corrida
Para fugir o que o meu sonho alcança,
Para querer o que não ha na vida!

REMORSO

A's vezes, uma dor me desespera...
Nestas ancias e duvidas em que ando,
Scismo e padeço, neste outono, quando
Calculo o que perdi na primavera.

Versos e amores suffoquei calando,
Sem os gozar numa explosão sincera...
Ah! mais cem vidas! com que ardor quizera
Mais viver, mais penar e amar cantando!

Sinto o que desperdicei na juventude;
Choro, neste começo de velhice,
Martyr da hypocrisia ou da virtude,

Os beijos que não tive por tolice,
Por timidez o que soffrer não pude,
E por pudor os versos que não disse!

MILAGRE

Depois de tantos annos, frente a frente,
Um encontro... O fantasma do meu sonho!
E, de cabellos brancos, mudamente,
Quedamos frios, num olhar tristonho.

Velhos!... Mas, quando, ancioso, de repente,
Nas suas mãos as minhas palmas ponho,
Resurge a nossa primavera ardente,
Na terra em bençãos, sob um sol risonho:

Felizes, num prestígio, estremecemos;
Deliramos, na luz que nos invade
Dos redivivos extases supremos;

E fulgimos, volvendo á mocidade
Aureolados dos beijos que tivemos,
No divino milagre da saudade.

A CILADA

O perfume, o silencio, a sombra... Os ninhos
Emmudecem... E temos, sonhadores,
A humildade das ervas nos caminhos
E uma innocencia de anjos entre as flores.

Mas ha na tarde morna ignotos vinhos,
Secretos filtros, perfidos vapores,
Amavios, feitiços e carinhos
Molles, quebrados e perturbadores...

E, de repente, o incendio dos sentidos:
As mãos frias tacteando na anciedade,
As bocas que se buscam num queixume,

E o corpo, o sangue, o espirito perdidos,
E a febre, e os beijos... e a cumplicidade
Da sombra, do silencio, do perfume...

PERFEIÇÃO

Nunca entrarei jámais o teu recinto:
Na seducção e no fulgor que exhalas,
Ficas vedada, num radiante cinto
De riquezas, de gozos e de galas.

Amo-te, cobiçando-te... E, faminto,
Adivinho o esplendor das tuas salas,
E todo o aroma dos teus parques sinto,
E ouço a musica e o sonho em que te embalas.

Eternamente ao meu olhar pompeias,
E olho-te em vão, maravilhosa e bella,
Adarvada de altissimas ameias.

E á noite, á luz dos astros, a horas mortas,
Rondo-te, e arquejo, e choro, ó cidadella!
Como um barbaro uivando ás tuas portas!

MESSIDORO

Porque chorar? Exulta, satisfeita!
E's, quando a mocidade te abandona,
Mais que bella mulher, mulher perfeita,
Do completo fulgor senhora e dona.

As derradeiras messes aproveita,
E goza! A antevelhice é uma Pomona,
Que, se esmerando na final colheita
Dos frutos aureos, a paixão sazona.

Ama! e frue o delirio, a febre, o ciume,
E todo o amor! E morre como um dia
Em fogo, como um dia que resume

Toda a vida, em anceios, em poesia,
Em gloria, em luz, em musica, em perfume,
Em beijos, numa esplendida agonia!

SAMARITANA

Numa volta de estrada, em sede insana,
Vi-te. Ao lado, a frescura da cisterna.
E tinhas a expressão piedosa e terna,
Como na Biblia, da Samaritana.

Deste-me de beber. Mas quanto engana,
A's vezes, a piedade, e a esmola inferna!
Deste-me de beber da fonte eterna,
De onde a torrente dos remorsos mana.

Com a agua que me deste (que contraste
De ti para a mulher de Samaria!)
A boca e o coração me envenenaste:

•Maior do que o da vêde, este tormento,
Esta ancia singular, esta agonia
Que é de saudade e de arrependimento!

UM BEIJO

Foste o beijo melhor da minha vida,
Ou talvez o peor... Gloria e tormento,
Comtigo á luz subi do firmamento,
Comtigo fui pela infernal descida!

Morreste, e o meu desejo não te olvida:
Queimas-me o sangue, enches-me o pensamento,
E do teu gosto amargo me alimento,
E rolo-te na boca malferida.

Beijo extremo, meu premio e meu castigo,
Baptismo e extrema-uncção, naquelle instante
Porque, feliz, eu não morri contigo?

Sinto-te o ardor, e o crepitar te escuto,
Beijo divino! e aneio, delirante,
Na perpetua saudade de um minuto...

CRIAÇÃO

Ha nò amor um momento de grandeza,
Que é de inconsciencia e de extase bendito:
Os dois corpos são toda a Natureza,
As duas almas são todo o Infinito.

E' um mysterio de força e de surpresa!
Estala o coração da terra, afflicto;
Rasga-se em luz fecunda a esphera acceza,
E de todos os astros rompe um grito.

Deus transmite o seu halito aos amantes:
Cada beijo é a sanção dos Sete Dias,
E a Genese fulgura em cada abraço;

Porque, entre as duas bocas soluçantes,
Rola todo o Universo, em harmonias
E em glorificações, enchendo o espaço!

MATERNIDADE

*O Senhor disse á mulher: Porque fizeste isto? Eu multiplicarei os teus trabalhos!"

(Gen. Cap. III.)

Ventre martyr, a rutila visita
Do amor fecundo te arrancou do somno:
E irradias, lampejas como um throno
De animado marfim que á luz palpita!

Ergues-te, em esto de orgulhoso entono:
Fere-te emfim a maldição bemdita!
Tens o viço da Terra, quando a agita,
Rico de orvalhos e de sóes, o outono.

Augusto, em gozo eterno, o teu supplicio...

Feliz a tua dor propiciatoria...

— Rasga-te, altar do torturante auspicio,

· E abra-se em flores tua alvura eborea,

Ensanguentada pelo sacrificio,

Para a maternidade e para a gloria!

OS AMORES DA ARANHA

Com o velludo do ventre a palpitar hirsuto
E os oito olhos de braza ardendo em febre estranha,
Vede-a: chega ao portal do intrincado reducto,
E na gloria nupcial do sol se aquece e banha.

Moscas! podeis revoar, sem medo á sua sanha:
Molle e tonta de amor, pendente o palpo astuto,
E recolhido o anzol da mandibula, a aranha
Anciosa espera e attrae o amante de um minuto...

E eil-o corre, eil-o acode á festa e á morte! Um hymno
Curto e louco, um momento, abala e inflamma o fausto
Do aranhol de ouro e seda... E o aguilhão assassino

Da esposa satisfeita abate o noivo exausto,
Que cae, sentindo a um tempo, — invejavel destino!
A tortura do espasmo e o gozo do holocausto.

OS AMORES DA ABELHA

Quando, em pronubo aneio, a abelha as azas sólta
E escala o espaço, — ardendo, exul do corcho cereo,
Louca, se precipita a sussurrante escolta
Dos noivos zonzos, voando ao nupcial mysterio.

Em breve, succumbindo, o enxame arqueja, e volta..
Mas o mais forte, um só, senhor do excelso imperio,
Segue a esquiva, e, em zumzum zeloso de revolta,
Entoa o epithalamio e o cantico funereo:

Toca-a, fecunda-a, e vence, e morre na victoria...

A esposa, livre, ao sol, no alto do firmamento,

Paira, e, rainha e mãe, zumbe de orgulho e gloria;

•E, rodopiando, inerte, o suicida sublime,

Entre as benções da luz e os hosannas do vento,

Rola, martyr feliz do delicioso crime.

SEMPER IMPENDET . . .

Se amas, se da velhice entras a porta escura,
Maldize o teu amor, que é um triste adeus á vida!
Porque no teu amor de velho se mistura
Ao enlevo de um noivo a angustia de um suicida.

Louco! vês entrabrir-se a cova, na doçura
Do aconchego nupcial que ao gozo te convida;
E, na incerteza atroz da caricia futura,
Cada affago te dóe como uma despedida.

Soffres um estertor em cada abraço, um grito
Em cada beijo, em cada anseio uma saudade:
E' um rolar, um ferver num inferno infinito!

- No desesperador prazer do teu transporte,
Sentes a crisperação da treva que te invade,
O doloroso amargo antesabor da morte...

O OITAVO PECCADO

Vivendo para a morte, alegre da tristeza,
Temendo o fogo eterno e a damnção sulfurea,
Gelaste no cilicio, em ascetica furia,
A alma ridente, o sangue em esto, a carne accesa.

Foste martyr e heroe da propria natureza.
Intacto de ambição, de desejo ou de injuria,
Para ganhar o ceu, venceste a ira, a luxuria,
A gula, a inveja, o orgulho, a preguiça e a avareza.

Mas não amaste! E, além do Inferno, um outro existe,
Onde é mais alto o choro e o horror dos renegados:
Alli, pensando, tu, que o amor nunca sentiste,

Pagarás sem amor os dias dissipados!
Esqueceste o peccado oitavo: e era o mais triste,
Mortal, entre os mortaes, de todos os peccados!

SALUTARIS PORTA

Para conter aquella immensa chamma,
Os nossos corações eram pequenos:
Tivemos medo da paixão... E ao menos
Não vimos tanto ceu mudado em lama!

O velario correu-se antes do drama...
E não houve perfidias nem venenos
Entre os nossos espiritos serenos,
Que a saudade do prologo embalsama.

Bemdigamos o amor que foi tão curto,
O sonho vago que expirou tão cedo,
Sossobrado no porto antes do surto!

- Feliz o idyllio que não teve historia!
Salvando-nos do tédio, o nosso medo
Foi uma porta de ouro para a gloria!

ASSOMBRAÇÃO

Conheço um coração, tapera escura,
Casa assombrada, onde andam penitentes
Sombras e ecos de amor, e em que perdura
A saudade, presença dos ausentes.

Evadidos da paz da sepultura,
Num tatarar de tibias e de dentes,
Revivem os fantasmas da ternura,
Arrastando sudarios e correntes.

Rangem os gonzos no bater das portas,
E os corredores enchem-se de prantos...
Um mundo de avejões do chão se eleva,

- Resuscitado pelas horas mortas:
Frios abraços gemem pelos cantos,
Beijos defuntos fogem pela treva.

PALMEIRA IMPERIAL

Mostras na gloria um coração mesquinho...
Numa belleza esplendida, que aterra,
Passas desencadeando um ar de guerra,
Sem deixar um perfume no caminho.

Como a palmeira, não sustens um ninho!
Não és filha, mas hospeda da Terra;
Subjugando a planicie, na alta serra,
— Cruel ás aves, seca de carinho.

Ha no deslumbramento do teu porte
Tedio, orgulho, desdem: talvez saudade
De outra vida, ambição talvez da morte...

Como a palmeira, tens a majestade,
E d'ella tens a desgraçada sorte:
A avareza da sombra e da piedade.

DIAMANTE NEGRO

Vi-te uma vez, e estremecei de medo...

Havia susto no ar, quando passavas:

Vida morta enterrada num segredo,

Lethargico vulcão de ignotas lavas.

Ias como quem vae para um degredo,

De invisiveis grilhões as mãos escravas,

A marcha dubia, o olhar turvado e quedo

No roxo abismo das olheiras cavas...

Aonde ias? aonde vaes? Foge o teu vulto;
Mas fica o assombro do teu passo errante,
E fica o sopro d'esse inferno occulto,

* O horrivel fogo que contigo levas,
Incomprehendido mal, negro diamante,
Sol sinistro e abafado ardendo em trevas.

PALAVRAS

As palavras do amor expiram como os versos,
Com que adoço a amargura e embalo o pensamento:
Vagos clarões, vapor de perfumes dispersos,
Vidas que não têm vida, existencias que invento;

Esplendor cedo morto, ancia breve, universos
De pó, que um sopro espalha ao torvelim do vento,
Raios de sol, no oceano entre as aguas immersos,
— As palavras da fé vivem num só momento...

Mas as palavras más, as do odio e do despeito,
O “não!” que desengana, o “nunca!” que allucina,
E as do aleive, em baldões, e as da mofa, em risadas,

- Abrasam-nos o ouvido e entram-nos pelo peito:

Ficam no coração, numa inercia assassina,
Immoveis e immortaes, como pedras geladas.

MARCHA FUNEBRE

"Thamus, Thamus, panmegas tethneke!..."

Como se ouviu no Epiro, outrora, o extremo grito
"Pan morreu!", — na amplidão reboe o meu lamento:
Torpe a ambição, perdido o amor, inane o alento,
Nestas baixas paixões de um seculo maldito!

Rolem threnos no oceano e elegias no vento!
Concentrae-vos na dor do funerario rito,
O' azas e illusões num miserere afflicto,
E, ó flores num responso, e, ó sonhos num memento!

Bocas, bradando ao ceu de minuto em minuto,
Olhos, velando a terra em sudarios de pranto,
Corações, num rufar de tambores em luto,

Guaiaie, carpí, gemei! e echoae de porto a porto,
De mar a mar, de mundo a mundo, a queixa e o espanto:
O grande Pan morreu de novo! O Ideal é morto!

O TEAR

A fieira zumbe, o piso estala, chia
O liço, range o estambre na cadeia;
A machina dos Tempos, dia a dia,
Na musica monotona vozeia.

Sem pressa, sem pezar, sem alegria,
Sem alma, o Tecelão, que cabeceia,
Carda, retorce, estira, asseda, fia,
Doba e entrelaça, na infindavel teia.

Treva e luz, odio e amor, beijo e queixume,
Consolação e raiva, gelo e chamma
Combinam-se e consomem-se no urdume.

• Sem principio e sem fim, eternamente
Passa e repassa a aborrecida trama
Nas mãos do Tecelão indifferente...

O COMETA

Um cometa passava... Em luz, na penedia,
Na herva, no insecto, em tudo uma alma rebrilhava;
Entregava-se ao sol a terra, como escrava;
Ferviam sangue e seiva. E o cometa fugia...

Assolavam a terra o terremoto, a lava,
A agua, o cyclone, a guerra, a fome, a epidemia;
Mas renascia o amor, o orgulho revivia,
Passavam religiões... E o cometa passava,

E fugia, riçando a ignea cauda flava...

Fenecia uma raça; a solidão bravia

Povoava-se outra vez. E o cometa voltava...

▸ Escoava-se o tropel das eras, dia a dia:

E tudo, desde a pedra ao homem, proclamava

A sua eternidade! E o cometa sorria...

DIALOGO

O mancebo perfeito e o velho humilde e rude

Viram-se. E disse ao velho o mancebo perfeito:

“Gloria a mim! sorvo o ceu num hausto do meu peito!”

E o velho: “Engana o céu... Tudo na terra illude...”

“Rebentam roseirae do chão em que me deito!”

“A alma da noite embala a minha senectude...”

“Quando acordo, ha um clarão de graça e de saude!”

“Pudesse ser perpetua a calma do meu leito!”

“Quero vibrar, agir, vencer a Natureza,

Viver a Vida” “A Vida é um capricho do vento...”

“Vivo, e posso!” “O poder é uma illusão da sorte...”

“Heróe e deus, serei a belleza!” “A belleza

E’ a paz!” “Serei a força!” “A força é o esquecimento...”

“Serei a perfeição!” “A perfeição é a morte!”

AVATARA

Numa vida anterior, fui um cheik macilento
E pobre... Eu galopava, o albornoz solto ao vento,
Na soalheira candente; e, heróe de vida obscura,
Possuia tudo: o espaço, um cavallo, e a bravura.

Entre o deserto hostile e o ingrato firmamento,
Sem abrigo, sem paz no coração violento,
Eu namorava, em minha altiva desventura,
As areias na terra e as estrellas na altura.

A's vezes, triste e só, cheio do meu desgosto,
Eu castigava a mão contra o meu proprio rosto,
E contra a minha sombra erguia a lança em riste...

Mas o simun do orgulho enfunava o meu peito:
E eu galopava, livre, e voava, satisfeito
Da força de ser só, da gloria de ser triste!

ABSTRACÇÃO

Ha no espaço milhões de estrellas carinhosas,
Ao alcance do teu olhar... Mas conjecturas
Aquellas que não vês, igneas e ignotas rosas,
Viçando na mais longe altura das alturas.

Ha na terra milhões de mulheres formosas,
Ao alcance do teu desejo... Mas procuras
As que não vivem, sonho e affecto que não gozas
Nem gozarás, visões passadas ou futuras.

Assim, numa abstracção de numeros e imagens,
Vives. Olhas com tédio o planeta ermo e triste,
E achas deserta e escura a abobada celeste.

E morrerás, sósinho, entre duas miragens:
As estrelas sem nome — a luz que nunca viste,
E as mulheres sem corpo — o amor que não tiveste!

CANTILENA

Quando as estrellas surgem na tarde, surge a esperança...
Toda alma triste no seu desgosto sonha um Messias:
Quem sabe? o acaso, na sorte esquiva, traz a mudança
E enche de mundos as existencias que eram vasias!

Quando as estrellas brilham mais vivas, brilha a esperança...
Os olhos fulgem; loucas, ensaiam as azas frias:
Tantos amores ha pela terra, que a mão alcança!
E ha tantos astros, com outras vidas, para outros dias!

Mas, de azas fracas, baixando os olhos, o sonho cança;
No ceu e na alma, cerram-se as brumas, gelam as luzes:
Quando as estrellas tremem de frio, treme a esperança...

Tempo, o delirio da mocidade não reproduzes!
Dorme o passado: quantas saudades, e quantas cruzes!
Quando as estrellas morrem na aurora, morre a esperança...

SONHO

Ter nascido homem outro, em outros dias,
— Não hoje, nesta agitação sem gloria,
Em traficancias e mesquinhasias,
Numa apagada vida merencorea...

Ter nascido numa éra de utopias,
Nos aureos cyclos epicos da Historia,
Ardendo em generosas fantasias,
Em rajadas de amor e de victoria:

Campeão e trovador da Idade Media,
Heroe no galanteio e na cruzada,
Viver entre um idyllio e uma tragedia;

E morrer em sorrisos e lampejos,
Por um gesto, um olhar, um sonho, um nada,
Traspassado de golpes e de beijos!

RUTH

Pede pouco! Mais tem do que um monarcha

O pobre, tendo o pouco que pedia:

E é rico, achando, ao terminar do dia,

Paz no espirito e pão no fundo da arca.

Triste, ó alma, a ambição que o mundo abarca!

Perde tudo quem quer a demasia.

Poupa o riso e o prazer! porque a alegria

Tanto é mais doce quanto mais é parca.

Feliz, modesto coração, te dizes,
Quando vais, como Ruth, em muda prece,
Empós dos segadores mais felizes:

Feliz é o simples, que, feliz, procura
Uma espiga apanhar da alheia messe,
Um resto miseravel da ventura.

ABISAG

Cedes a um velho invalido e insensato,
(Mais insensato do que tu!) sorrindo,
A graça e o viço do teu corpo lindo,
A tua formosura e o teu recato...

Em breve, louca! o teu delirio findo,
Comprenderás o horror d'este contrato:
Ter dado aroma a quem não tem olfacto,
Pedir amparo ao que já está caíndo.

Elle, um dia, amargando a sua gloria,
Chorando o seu imperio e o teu degedo,
O teu remorso e o seu pavor covarde,

Morrerá de vergonha na victoria:
Triste illusão, que te acordou tão cedo!
Fortuna triste, que o escolheu tão tarde!

ESTUARIO

Viverei! Nos meus dias descontentes,
Não soffro só por mim. . . Soffro, a sangrar,
Todo o infinito universal pezar,
A tristeza das cousas e dos entes.

Alheios prantos, em cachões ardentes,
Vêm ao meu coração e ao meu olhar:
— Tal, num estuario immenso, acolhe o mar
Todas as aguas vivas das vertentes.

Morre o infeliz, que unicamente encerra
A propria dor, estrangulada em si...
Mas vive a Vida que em meus versos erra;

Vive o consolo que deixei aqui;
Vive a piedade que espalhei na terra...
Assim, não morrerei, porque soffri!

CONSOLAÇÃO

Penso ás vezes nos sonhos, nos amores,
Que inflammei á distancia pelo espaço;
Penso nas illusões do meu regaço
Levadas pelo vento a alheias dores...

Penso na multidão dos soffredores,
Que uma benção tiveram do meu braço:
Talvez algum repouso ao seu cansaço,
Talvez ao seu deserto algumas flores...

Penso nas amizades sem raizes,
Nos afectos anonymos, dispersos,
Que tenho sob os ceus de outros paizes...

Penso neste milagre dos meus versos:
Um pouco de modestia aos mais felizes,
Um pouco de bondade aos mais perversos...

PENETRALLIA

Falei tanto de amor!... de galanteio,
Vaidade e brinco, passatempo e graça,
Ou desejo fugaz, que brilha e passa
No relampago breve com que veio...

O verdadeiro amor, honra ou desgraça,
Goso ou supplicio, no intimo fechei-o:
Nunca o entreguei ao publico recreio,
Nunca o expuz indiscreto ao sol da praça.

Não proclamei os nomes, que, baixinho,
Rezava. . . E ainda hoje, tímido, mergulho
Em funda sombra o meu melhor carinho.

Quando amo, amo e deliro sem barulho;
E, quando soffro, calo-me, e definho
Na ventura infeliz do meu orgulho.

PRECE

Durma, de tuas mãos nas palmas sacrosantas,
O meu remorso. Velho e pobre, como Job,
Perdendo-te, a melhor de tantas posses, tantas,
Malsinado de Deus, perdi... Tu foste a só!

Ao ceu, por teu perdão, a minha alma, que encantas,
Suba, como por uma escada de Jacob!
Perdi-te... E eras a graça, alta entre as altas santas,
A sombra, a força, o aroma, a luz... Tu foste a só!

Tu foste a só! . . . Não valho a poeira que levantas,
Quando passas. Não valho a esmola do teu dó!
— Mas deixa-me chorar, beijando as tuas plantas,

Mas deixa-me clamar, humilhado no pó:
Tu, que em misericórdia as Madonas supplantas,
Acolhe a contrição do mau. . . Tu foste a só!

ORAÇÃO A CYBELE

Deitado sobre a terra, em cruz, levanto o rosto
Ao ceu e ás tuas mãos ferozes e esmoleres.
Mata-me! Abençoarei teu coração, composto,
O' mãe, dos corações de todas as mulheres!

Tu, que me dás amor e dor, gosto e desgosto,
Gloria e vergonha, tu, que me affagas e feres,
Aniquila-me! E doura e embala o meu sol posto,
Fonte! berço! mysterio! Isis! Pandora! Ceres!

Que eu morra assim feliz, tudo de ti querendo:
Mal e bem, desespero e ideal, veneno e pomo,
Peccados e perdões, beijos puros e impuros!

E os astros sobre mim caíam de ti, chovendo,
Como os teus crimes, como as tuas bençãos, como
A doçura e o travor de teus cachos maduros!

EUTHANASIA

Antes que o meu espirito no espaço
Fuja em suspiro ethereo e vago fumo,
Em versos e esperanças me consumo,
E espalho sonhos pelo bem que faço.

Até no instante em que seguir o rumo
Para o somno final no teu regaço,
O' terra, sorverei, no extremo passo,
Da vida em febre o capitoso sumo.

Seja a minha agonia uma centelha
De gloria! E a morte, no meu grande dia,
Pairando sobre mim, como uma abelha,

Sugue o meu grito de ultima alegria,
O meu beijo supremo, — flor vermelha
Embalsamando a minha boca fria!

INTROIBO!

Sinto às vezes, á noite, o invisível cortejo
De outras vidas, num chaos de clarões e gemidos:
Vago tropel, voejar confuso, halito e beijo
De cousas sem figura e seres escondidos...

Miseravel, percebo, em tortura e desejo,
Um perfume, um sabor, um tacto incompreendidos,
E vozes que não ouço, e cores que não vejo,
Um mundo superior aos meus cinco sentidos.

Ardo, aspiro, por ver, por saber, longe, acima,
Fora de mim, alem da duvida e do espanto!
E na sideração, que, um dia, me redima,

Liberto fluctuarei, feliz, no seio ethereo,
E, ó Morte, rolarei no teu piedoso manto,
Para o deslumbramento augusto do mysterio!

VULNERANT OMNES, ULTIMA NECAT

Rio perpetuo e surdo, as serras esboroas,
Serras e almas, ó Tempo! e, em mudas cataractas,
As tuas horas vão mordendo, aluindo, á toa...
Todas ferem, passando: e a derradeira mata.

Mas a vida é um favor! De crepe, ou de ouro e prata,
Da injuria ou do perdão, do opprobrio ou da coroa,
Todas as horas, para o martyrio, são gratas!
Todas, para a esperança e para a fé, são boas!

Primeira, que, em meu ninho, os primeiros arrulhos
Me déste, e a minha Mãe déste um grito e um orgulho,
Bem dita! E todas vós, bem ditas, na ancia triste

▶ Ou no clamor triumphal, que todas me feristes! ·
E bem dita, que sobre a minha cova aberta
Pairas, ultima, ó tu que matas e libertas!

FRUCTIDORO

Fruto, depois de ser semente humilde e flor,
Na alta arvore nutriz da Vida amadureço.
Gozei, soffri, — vivi! Tenho no mesmo apreço
O que o gozo me deu e o que me deu a dor.

Venha o inverno, depois do outono bemfeitor!
Feliz porque nasci, feliz porque envelheço,
Hei-de ter no meu fim a gloria do começo:
Não me verão chorar no dia em que me for.

Não me amedrontas, Morte! o teu appello escuto,
Conto sem magua os sóes que me acercam de ti,
E sem tremer á porta ouço o teu passo astuto.

Leva-me! Após a luta, o somno me sorri:
Cairei, beijando o galho em que fui flor e fruto,
Bemdizendo a sazão em que amadureci!

AOS SINOS

Plangei, sinos! A terra ao nosso amor não basta...
Cansados de ancias vis e de ambições ferozes,
Ardemos numa louca aspiração mais vasta,
Para trasmigrações, para metempsychoses!

Cantae, sinos! D'aqui, por onde o horror se arrasta,
Campas de rebeliões, bronzes de apotheoses,
Badalae, bimbalhae, tocae á esphera vasta!
Levae os nossos ais rolando em vossas vozes!

Em repiques de febre, em dobres a finados,
Em rebates de angustia, ó carrilhões, dos cimos
Tangei! Torres da fé, vibrae os nossos brados!

Dizei, sinos da terra, em clamores supremos,
Toda a nossa tortura aos astros de onde vimos,
Toda a nossa esperança aos astros aonde iremos!

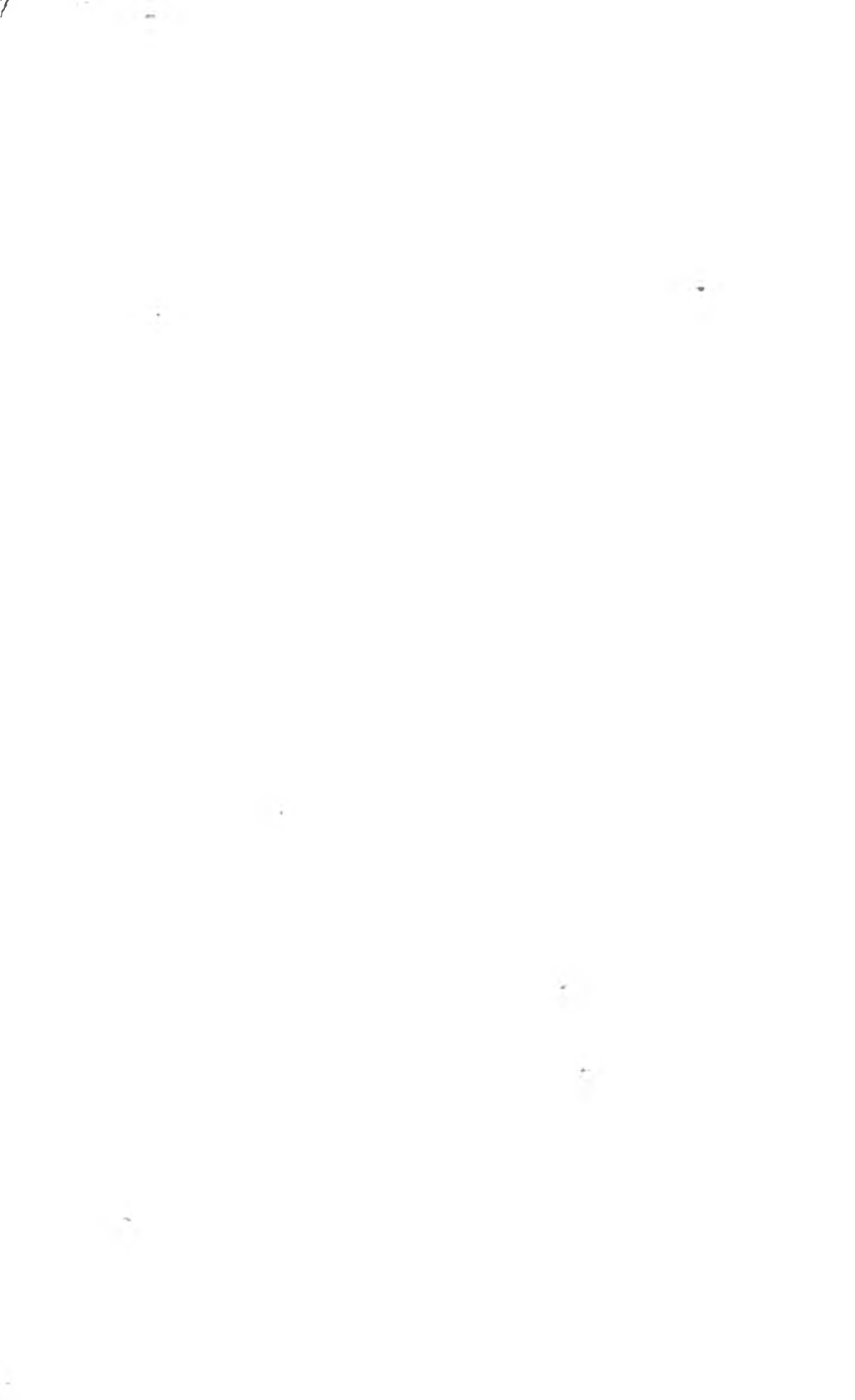
SYMPHONIA

Meu coração, na incerta adolescencia, outrora,
Delirava e sorria aos raios matutinos,
Num preludio incolor, como o allegro da aurora,
Em sistros e clarins, em pifanos e sinos.

Meu coração, depois, pela estrada sonora
Colhia a cada passo os amores e os hymnos,
E ia de beijo a beijo, em lasciva demora,
Num voluptuoso adagio em harpas e violinos.

Hoje, meu coração, num scherzo de ancias, arde
Em flautas e oboés, na inquietação da tarde,
E entre esperanças foge e entre saudades erra...

E, heroico, estalará num final, nos clamores
Dos arcos, dos metaes, das cordas, dos tambores,
Para glorificar tudo que amou na terra!



TABUA



HYMNO Á TARDE.....	10
CYCLO.....	12
PATRIA.....	14
LINGUA PORTUGUEZA.....	16
MUSICA BRAZILEIRA.....	18
ANCHIETA.....	20
CHAOS.....	22

DIZIAM QUE...

I. — OS MONSTROS.....	26
II. — OS GOYAZIS.....	28
III. — OS MATUYÚS.....	30
IV. — OS CURINQUEANS.....	32
V. — AS AMAZONAS.....	34
O VALLE.....	36
A MONTANHA.....	38
OS RIOS.....	40
AS ESTRELLAS.....	42
AS NUVENS.....	44
AS ARVORES.....	46
AS ONDAS.....	48
CREPUSCULO NA MATA.....	50
SONATA AO CREPUSCULO.....	52
O CREPUSCULO DA BELLEZA.....	54
CREPUSCULO DOS DEUSES.....	56
MICROCOSMO.....	58

DUALISMO.....	60
DEFESA.....	62
A UM TRISTE.....	64
PESADELO.....	66
A YARA.....	68
RESURREIÇÃO.....	70
BENEDICITE!.....	72
SPERATE, CREPERI.....	74
RESPOSTAS NA SOMBRA.....	76

TRILOGIA :

I. — PROMETHEU.....	78
II. — HERCULES.....	80
III. — JESUS.....	82
DANTE NO PARAIZO.....	84
BEETHOVEN SURDO.....	86
MILTON CEGO.....	88
MIGUEL-ANGELO VELHO.....	90
NO TRONCO DE GOA.....	92

EDIPO I

I. — A PITHIA.....	94
II. — A ESPHINGE.....	96
III. — JOCASTA.....	98
IV. — ANTIGONA.....	100
MAGDALENA.....	102

CLEOPATRA.....	104	ASSOMBRAÇÃO.....	158
A VELHICE DE ASPAZIA.....	106	PALMEIRA IMPERIAL.....	160
A RAINHA DE SABÁ.....	108	DIAMANTE NEGRO.....	162
MORTE DE ORPHEU.....	110	PALAVRAS.....	164
GIOCONDA.....	112	MARCHA FUNEBRE.....	166
NATAL.....	114	O TEAR.....	168
AOS MEUS AMIGOS DE S. PAULO..	116	O COMETA.....	170
A UM POETA.....	118	O DIALOGO.....	172
VILLA-RICA.....	120	AVATARA.....	174
NEW-YORK.....	122	ABSTRACÇÃO.....	176
ULTIMO CARNAVAL.....	124	CANTILENA.....	178
FOGO FATUO.....	126	SONHO.....	180
INNOCENCIA.....	128	RUTH.....	182
REMORSO.....	130	ABISAG.....	184
MILAGRE.....	132	ESTUARIO.....	186
A CILADA.....	134	CONSOLAÇÃO.....	188
PERFEIÇÃO.....	136	PENETRALIA.....	190
MESSIDORO.....	138	PRECE.....	192
SAMARITANA.....	140	ORAÇÃO A CYBELE.....	194
UM BEIJO.....	142	EUTHANASIA.....	196
CRIAÇÃO.....	144	INTROIBO.....	198
MATERNIDADE.....	146	VULNERANT OMNES, ULTIMA NE-	
OS AMORES DA ARANHA.....	148	CAT.....	200
OS AMORES DA ABELHA.....	150	FRUCTIDORO.....	202
SEMPER IMPENDET.....	152	AOS SINOS.....	204
O OITAVO PECCADO.....	154	SYMPHONIA.....	206
SALUTARIS PORTA.....	156	TABUA.....	208

Officinas Graphicas Francisco Alves — 1919





BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).